



O REINO DO NORTE (ISRAEL)

INTRODUÇÃO

O Reino do Norte, surgido após a cisão da monarquia unida à morte de Salomão, ocupava uma região vasta, heterogênea e profundamente interligada aos grandes fluxos comerciais do Crescente Fértil. Seu território abrangia montanhas, vales férteis e amplas planícies abertas para o Mediterrâneo e para o deserto, conectando-se tanto à Ásia quanto à África por rotas que cruzavam a Galileia, Jezrael, Basã e a região de Gileade.

Essa posição estratégica favorecia prosperidade e dinamismo econômico, mas também aumentava a exposição às investidas militares dos inúmeros impérios vizinhos. A história política, religiosa e cultural do Reino do Norte é marcada por tensões permanentes entre prosperidade e infidelidade, sincretismo e profecia, poder e instabilidade, até culminar na destruição de Samaria e na queda definitiva do reino em 722 a.C.: “No ano nono do reinado de Oseias, o rei dos assírios tomou Samaria e deportou os habitantes de Israel para a Assíria, estabelecendo-os em Hala e nas margens do Habor, rio de Gozã, bem como nas cidades da Média” (2Rs 17,6).

1. TENSÕES, INSTABILIDADE, INFIDELIDADE A DEUS

O primeiro rei, Jeroboão I, estabeleceu sua capital provisória em Tera (cf. 1Rs 14,17) e promoveu mudanças profundas na estrutura religiosa para evitar que o povo subisse a Jerusalém, no reino rival de Judá. Erigiu dois santuários reais: Betel, ao sul, e Dan, ao extremo norte (cf. 1Rs 12,28-30). Ambos já eram lugares de culto tradicionais desde os patriarcas (cf. Gn 12,8; Jz 18,30-31).

⇒ *“Enquanto Jeroboão procurava estabelecer o reino que Deus lhe havia designado por meio dos profetas Semaías e Aías, ele não achou nada melhor do que acender mais ódio entre as duas partes, de modo que fosse impossível estabelecer qualquer circunstância de reconciliação e paz. Portanto, como já havia dispersado os dissidentes, ele introduziu uma nova discórdia em relação à adoração a Deus: persuadiu seu próprio povo, depois de abdicar dos ritos dos judeus, a adotar a religião dos egípcios, muito mais superior às outras religiões, pois a sabedoria egípcia era superior à dos cananeus e dos judeus. Estando a maioria das tribos dos hebreus de acordo, ele propôs que eles adorassem os antigos ídolos, ou seja, os dois bezerros de ouro, e dedicou a eles aquela fórmula pronunciada de um antigo costume: ‘Estes são os teus deuses, ó Israel, que te tiraram da terra do Egito’ (Ex 32,4).”*

Efrém de Nisibi, *Sobre o Primeiro Livro dos Reis*, 12, 18.

Essa reorganização religiosa, porém, abriu espaço para um sincretismo devastador: junto do nome do Senhor, multiplicaram-se práticas culturais ligadas ao baalismo, especialmente os ritos agrícolas dedicados a Baal, Astarte e Aserá. Surgiram também inúmeros “lugares altos”, santuários locais que passaram a competir com o culto de YHWH e que serão alvo constante da crítica profética.

Do ponto de vista religioso, portanto, o Reino do Norte apresentou uma convivência tensa entre o culto ao Deus de Israel e práticas provenientes de antigas religiões cananeias. A população rural, sobretudo, manteve durante séculos costumes e ritos de fertilidade ligados às divindades locais. Por isso mesmo Deus suscitou ali alguns dos maiores profetas da história bíblica: Elias, Eliseu e, mais tarde,

Amós e Oséias, que denunciaram vigorosamente o sincretismo e chamaram o povo à fidelidade à Aliança. No ambiente da corte, a situação era ainda mais complexa: profetas de YHWH e profetas de Baal conviviam lado a lado, disputando influência e sendo consultados pela monarquia conforme interesses políticos (cf. 1Rs 22,6-8).

⇒ *“O bem-aventurado Elias foi figura de Nosso Senhor e Salvador. Assim como Elias sofreu perseguição dos judeus, também Nosso Senhor, o verdadeiro Elias, foi condenado e desprezado pelos judeus. Elias deixou seu próprio povo, e Cristo se separou da sinagoga; Elias foi para o deserto, e Cristo veio ao mundo. Elias foi alimentado por corvos no deserto, enquanto Cristo foi restaurado no deserto deste mundo pela fé dos gentios.”*

Cesário de Arles, Sermões, 124,1

Politicamente, o Reino do Norte passou, nos seus primeiros cinquenta anos, por sucessivos golpes de estado e mudanças bruscas de dinastia, o que aprofundou a instabilidade. Wilfrid Harrington diz que “a falta de instabilidade é uma característica em Israel: nenhuma família real permanece no poder por muito tempo e uma mudança de soberano comumente ocorre como resultado de uma revolta armada...” (Harrington, *Chave para a Bíblia*, 114).

A situação mudou com a ascensão de Amri, por volta de 885 a.C. Rei habilidoso, ele consolidou o poder e fundou uma nova capital, Samaria, adquirindo um monte e construindo ali o palácio real e importantes obras defensivas (cf. 1Rs 16,24). Seu filho Acab, que o sucedeu, ampliou as alianças internacionais, especialmente com a Fenícia, ao casar-se com Jezabel, filha do rei dos sidônios (cf. 1Rs 16,31). Essa aliança política trouxe prosperidade econômica, mas intensificou o baalismo: Jezabel, com grande poder dentro da corte, favoreceu os sacerdotes de Baal e perseguiu os profetas do Senhor. É nesse contexto que surgiu Elias, com episódios emblemáticos como o desafio no monte Carmelo (cf. 1Rs 18,20-40) e a denúncia da injustiça contra Nabot (cf. 1Rs 21). Acab e Amri garantiram quarenta anos de estabilidade política e desenvolvimento, mas à custa de uma profunda erosão religiosa, muito do qual se deveu a Jezabel (cf. 1Rs 20,25), que

teve um fim trágico, como tinha sido profetizado por Elias (cf. 1Rs 20,23-24).

⇒ *“Vejam os o significado simbólico dessa passagem [a morte de Jezabel, cf. 1Rs 9,30-37]. Acabe morreu do ferimento que recebeu na batalha e foi colocado com exéquias reais nos túmulos dos reis. Já, Jezabel, ao contrário, foi lançada de um lugar alto para baixo, pelas mãos de seus próprios servos, seu cadáver foi pisoteado por cavalos que passavam e despedaçado por cães. Embora Acab tenha pecado muitas vezes, ele demonstrou arrependimento. Jezabel, por sua vez, embora não tenha cometido crimes nefastos em excesso, incitou seu marido a cometê-los com suas conivências. Além disso, ela nunca se arrependeu, nem em tempos de prosperidade nem em tempos de calamidade, nem jamais se afastou de seus caminhos perversos; até mesmo no momento de sua morte ela se mostrou como uma louca. Com razão, portanto, sofreu um castigo maior que o de Acab. Além disso, considere que Jezabel, terror dos profetas e amante dos reis, foi presa de eunucos e cães; isso é para calar a boca dos que falam tolices, para que não digam: ‘Por que os ímpios têm sucesso em seus próprios negócios e os que cometem traição vivem tranquilamente?’ [Jr 12,1].*

Efrem de Nisibe, Sobre o Segundo Livro dos Reis, 9,32

A dinastia de Amri terminou em violência. Um comandante militar, Jeú, ungido por Eliseu (cf. 2Rs 9,1-13), liderou um golpe que eliminou toda a casa de Acab, inclusive Jezabel (cf. 2Rs 9,30-37). Jeú destruiu o culto oficial de Baal, mas manteve os santuários sincréticos instituídos por Jeroboão I (cf. 2Rs 10,26-31). Sua dinastia, apesar da violência inicial, garantiu aproximadamente um século de relativo equilíbrio, culminando no reinado de Jeroboão II, período recordado pela Bíblia como de grande prosperidade econômica e expansão territorial (cf. 2Rs 14,23-29). Porém, o mesmo florescimento trouxe desigualdade social extrema, denunciada vigorosamente pelos profetas Amós e Oséias (cf. Am 2,6-8; Os 4,1-3).

A partir de 744 a.C., tudo começou a ruir com a ascensão de Teglath-Palasar III, rei da Assíria (reinou de 745-727 a.C.). Ele reestruturou o

império com eficiência administrativa e política expansionista agressiva. Israel tornou-se cada vez mais pressionado, e o cenário geopolítico se complicou especialmente quando os reis Facéias (Israel) e Rasin (Aram/Damasco) tentaram formar uma coalizão antiassíria e obrigar Judá a aderir ao levante. Acaz, rei de Judá, recusou e apelou à ajuda assíria (cf. 2Rs 16,7). Com isso, Teglath-Falasar III invadiu Damasco e Israel, anexou territórios do norte e transformou a região em província tributária. Israel passou ao segundo grau de vassalagem, perdendo autonomia e sofrendo deportações parciais.

O último suspiro do Reino do Norte ocorreu com Oséias, que tentou libertar-se da vassalagem e firmar aliança com o Egito. A Assíria reagiu com força: Salmanasar V (reinou de 726 a 722 a.C.) cercou Samaria durante três anos (cf. 2Rs 17,5). A cidade caiu no ano 722 a.C., e cerca de 28 mil israelitas foram deportados para a Mesopotâmia e a Média (cf. 2Rs 17,6). Em seu lugar, novas populações foram transferidas da Babilônia e da Síria Central (cf. 2Rs 17,24).

As deportações eram uma prática comum do Império Neoassírio para controlar povos que tinham sido vencidos. Esses grupos eram transferidos para outras regiões, normalmente junto com suas famílias e bens, e passavam a ser integrados como trabalhadores úteis dentro do império. Ao mesmo tempo, habitantes de outras províncias assírias eram enviados para ocupar a área esvaziada de Samerina. Surgiu então a província assíria da Samerina, e forma-se o ambiente religioso sincrético que, séculos depois, daria origem ao conflito entre judeus e samaritanos (cf. Jo 4).

Ver anexo 1: mapa das deportações.

A Bíblia interpreta a queda de Samaria não apenas como consequência geopolítica, mas como resultado direto da infidelidade religiosa: “Isso aconteceu porque os israelitas pecaram contra o Senhor, seu Deus, que os fizera subir do Egito, tirando-os da mão do Faraó” (2Rs 17,7). A história do Reino do Norte tornou-se, assim, um grande espelho espiritual, no qual se veem os riscos da prosperidade sem fidelidade, das alianças políticas sem discernimento, e do abandono progressivo da Aliança.

2. OS REIS DO REINO DO NORTE

Obs.: Para os nomes dos reis seguimos a lista oferecida pela “Bíblia Sagrada, tradução oficial da CNBB”, 6ª ed., cf. a tabela que se encontra na introdução aos livros 1-2Sm e 1-2Rs.

Jeroboão I (cf. 1Rs 12–14). Inaugurou o Reino do Norte após a ruptura com Roboão. Escolhido inicialmente por causa de sua habilidade administrativa sob Salomão, acabou conduzindo o povo ao sincretismo religioso. Erigiu bezerros de ouro em Betel e Dan e estabeleceu sacerdotes que não pertenciam à linhagem levítica. Seu governo marcou profundamente a espiritualidade do Reino, pois “fez Israel pecar” (cf. 1Rs 14,16). A profecia de Aías de Silo anunciou a ruína de sua casa, e sua morte encerrou um reinado de potenciais não realizados.

Nadab (cf. 1Rs 15,25-28). Reinou somente dois anos, “fez o que é mau aos olhos do Senhor e imitou o caminho de seu pai e o pecado que este levou Israel a cometer” (1Rs 15,26). Sua morte violenta pelas mãos de Baasa evidenciou a fragilidade do poder e a ausência de estabilidade dinástica já nas primeiras décadas do reino.

Baasa (cf. 1Rs 15,27–16,7). Subiu ao trono através de conspiração, em Tera. Exterminou toda a casa de Jeroboão, mas continuou nas mesmas práticas religiosas desviadas: “fez o que era mau aos olhos do Senhor, imitando o caminho de Jeroboão e o pecado que este levou Israel a cometer” (1Rs 15,34). Reinou vinte e quatro anos, o que lhe permitiu certa estabilidade política, mas foi duramente condenado pelo profeta Jeú, filho de Hanani, por ter perpetuado a idolatria (cf. 1Rs 16,1-4).

Elá (cf. 1Rs 16,8-14). Filho de Baasa, reinou apenas dois anos, a partir de Tera. Viveu na indolência e nos banquetes, e foi assassinado por Zambri, um de seus oficiais. Sua morte selou a queda da dinastia de Baasa “por causa de todos os pecados de Baasa e de elá, seu filho. Pois eles pecaram e levaram Israel a pecar, irritando com seus ídolos vãos o Senhor Deus de Israel” (1Rs 16,13).

Zambri (cf. 1Rs 16,8-20). Matou Elá e exterminou a família inteira de Baasa, cumprindo assim o oráculo divino (cf. 1Rs 16,13). Contudo, governou apenas sete dias, a partir de Tersa. Cercado pelas forças de Amri, incendiou o palácio sobre si mesmo, encerrando de modo trágico sua breve tentativa de usurpar o reino “por causa dos pecados que cometera: fez o que é mau aos olhos do Senhor, imitando o caminho de seu pai e o pecado que este levou Israel a cometer” (1Rs 16,19)

Amri (cf. 1Rs 16,15-28). Foi um dos mais importantes reis politicamente. Reinou doze anos. Consolidou o poder após guerra civil e fundou a cidade de Samaria, colocando-a em lugar da antiga capital, de Tersa. Estabeleceu alianças duradouras com a Fenícia, favorecendo comércio e estabilidade. No entanto, continuou a política religiosa de Jeroboão e deu mais abertura a práticas idolátricas: “fez o que é mau aos olhos do Senhor, mais ainda que seus antecessores. Imitou em tudo os caminhos de Jeroboão, filho de Nabat, e o pecado que este levou Israel a cometer, irritando com seus ídolos vãos o Senhor Deus de Israel” (1Rs 16,26).

Acab (cf. 1Rs 16,29–22,40). Filho de Amri, foi ainda mais marcante. Diplomata talentoso, expandiu alianças e fortaleceu o reino. Seu casamento com Jezabel, princesa sidônia, trouxe prosperidade econômica, mas promoveu o baalismo em nível estatal. Confrontou-se com o profeta Elias, que denunciou não só a idolatria, mas as injustiças sociais, como o caso de Nabot. Morreu em batalha contra os arameus, e sua memória permaneceu como símbolo da decadência espiritual: “fez o que é mau aos olhos do Senhor, mais ainda que seus antecessores. Não só imitou os pecados de Jeroboão, filho de Nabat, como também se casou com Jezabel, filha de Etbal, e se pôs a servir Baal e a adorá-lo [...] fez ainda outras coisas para irritar o Senhor, Deus de Israel, mais do que todos os reis de Israel que o antecederam” (1Rs 16,30-33).

Ocozias (cf. 1Rs 22,52–2Rs 1,18). Seguiu o caminho de seus pais: “fez o que é mau aos olhos do Senhor e seguiu o caminho de seu pai e sua mãe e o caminho de Jeroboão, filho de Nabat, que levou Israel a pecar” (1Rs 22,53). Consultou Baal-Zebub, deus de Acaron (cf. 1Rs 1,2), ao invés do Senhor, e recebeu forte censura de Elias (cf. 2Rs 1,16). Morreu sem filhos, o que abriu caminho para que seu irmão Jorão assumisse o trono.

Jorão (cf. 2Rs 3,1-8,15). Reinou durante doze anos. Tentou atenuar o baalismo, mas não abandonou os caminhos de Jeroboão: “fez o que é mau aos olhos do Senhor, mas não tanto quanto seu pai e sua mãe, pois derrubou o pilar de Baal, erigido por seu pai. Contudo aderiu aos pecados de Jeroboão, filho de Nabat, que levou Israel a pecar e deles não se afastou” (2Rs 3,2-3). Participou de campanhas militares, inclusive ao lado de Judá e Edom contra Moab, mas fracassou repetidamente. Foi morto por Jeú, que havia sido ungido para destruir a casa de Acab (cf. 2Rs 9,24).

Jeú (cf. 2Rs 9-10). Reinou de modo enérgico e violento. Executou a purificação do reino segundo ordem profética, eliminou Jezabel (cf. 2Rs 9,30-37), aniquilou os descendentes de Acab (cf. 2Rs 10,6-11.17) e destruiu o culto institucional de Baal (cf. 2Rs 10,18-27). Apesar disso, não se voltou completamente para o Senhor, pois preservou os santuários ilegítimos de Jeroboão: “Jeú não se apartou dos pecados de Jeroboão, filho de Nabat, que havia levado Israel a pecar, nem retirou os bezerros de ouro que estavam em Betel e Dã” (2Rs 10,19). Sua dinastia, porém, foi a mais duradoura do Reino do Norte, ainda que “em seus dias o Senhor começou a diminuir Israel” (2Rs 10,32).

Joacaz (cf. 2Rs 13,1-9). Filho de Jeú, reinou por dezessete anos, mas “fez o que é mau aos olhos do Senhor. Seguiu os pecados de Jeroboão, filho de Nabat, que havia levado Israel ao pecado, e deles não se apartou” (2Rs 13,2). enfrentou forte opressão dos arameus. O exército israelita foi reduzido a números mínimos, como descreve a Escritura: “apenas cinquenta cavaleiros, dez carros e dez mil soldados de infantaria” (2Rs 13,7). Em sua aflição, suplicou ao Senhor, e Deus enviou um salvador que concedeu algum alívio à nação.

Joás (cf. 2Rs 13,10-14,15). Filho de Joacaz, reinou por dezesseis anos. Consolidou o poder que o pai tentara preservar. Consultou o profeta Eliseu antes da morte do profeta e recebeu oráculos de vitória (2Rs 13,14-19). Derrotou repetidamente os arameus e chegou a vencer Judá, saqueando Jerusalém. Apesar de suas vitórias, manteve o sistema religioso distorcido: “fez o que é mau aos olhos do Senhor. Não se apartou de todos os pecados que Jeroboão, filho de Nabat, havia levado Israel a cometer, mas andou neles” (2Rs 13,11).

Jeroboão II (cf. 2Rs 14,23-29). Foi o mais poderoso dos reis do Norte em extensão territorial. Aproveitou a fraqueza momentânea da Assíria e expandiu Israel até limites que lembraram a era davídica. Sua prosperidade gerou desigualdade gritante, opressão dos pobres e corrupção institucional. Por isso, Deus enviou Amós e Oséias, que denunciaram sua época como moralmente degradada. Também ele “fez o que é mau aos olhos do Senhor. Não se apartou de todos os pecados que Jeroboão, filho de Nabat, havia levado Israel a cometer” (2Rs 14,24). Morreu deixando o reino rico, porém espiritualmente esvaziado.

Zacarias (cf. 2Rs 15,8-12). Filho de Jeroboão II, reinou seis meses, encerrando a dinastia de Jeú conforme profetizado (cf. 2Rs 15,2). Foi assassinado por Selum, iniciando novo período de instabilidade. Ele também “fez o que é mau aos olhos do Senhor, assim como tinham feito os seus pais. Não se apartou de todos os pecados que Jeroboão, filho de Nabat, havia levado Israel a cometer” (2Rs 15,9).

Selum (cf. 2Rs 15,10-15). Matou Zacarias e reinou apenas um mês. Foi morto por Manaém, mais poderoso militarmente.

Manaém (cf. 2Rs 15,13-22). Governou por dez anos com brutalidade e consolidou o poder através da força. Pagou pesados tributos à Assíria, colocando Israel sob o jugo de vassalagem e drenando recursos do povo (cf 2Rs 15,19-20). “Fez o que é mau aos olhos do Senhor. Não se apartou de todos os pecados que Jeroboão, filho de Nabat, havia levado Israel a cometer” (cf. 2Rs 15,18).

Facéias (cf. 2Rs 15,22-26). Reinou por dois anos e seguiu a mesma linha de seus predecessores: “fez o que é mau aos olhos do Senhor. Não se apartou de todos os pecados que Jeroboão, filho de Nabat, havia levado Israel a cometer” (2Rs 15,24). Governou por pouco tempo, sendo assassinado por Facéia, um de seus oficiais.

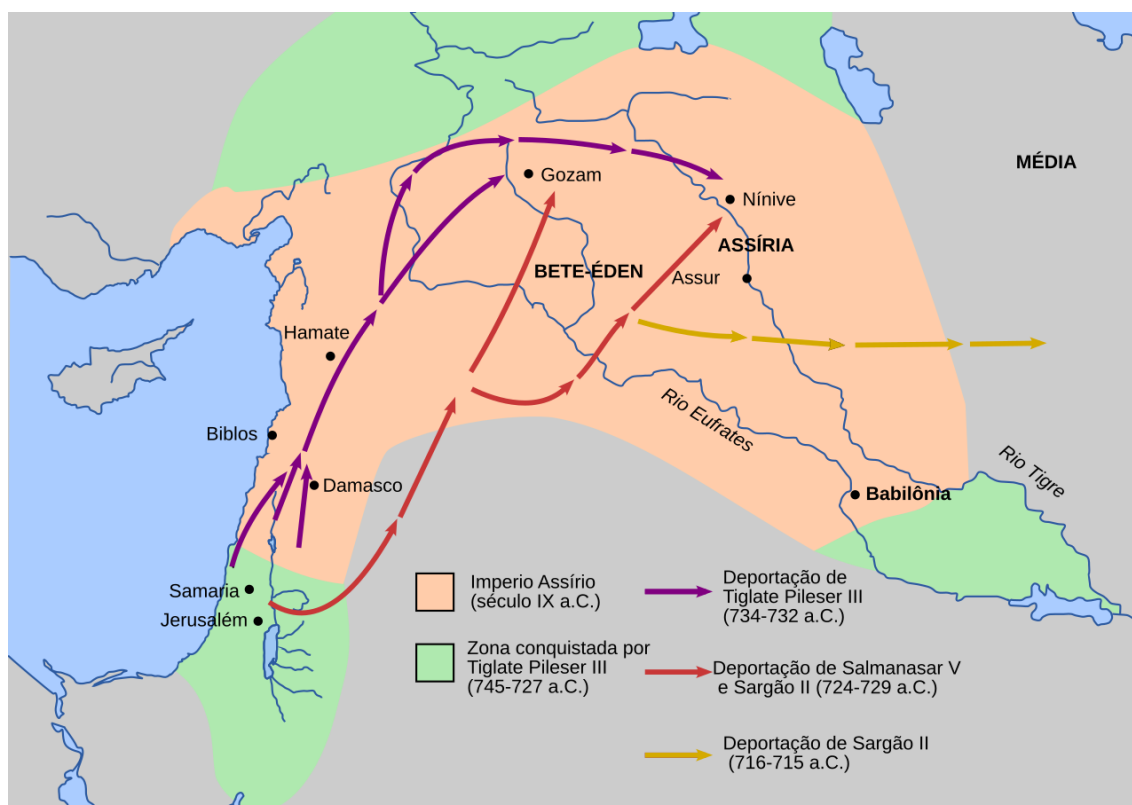
Facea (cf. 2Rs 15,23-16,9). Reinou por vinte anos. “Fez o que é mau aos olhos do Senhor. Não se apartou de todos os pecados que Jeroboão, filho de Nabat, havia levado Israel a cometer” (2Rs 15,28). Envolveu o reino na coalizão antiassíria com Damasco e, quando Judá recusou participar, atacou Jerusalém (cf. 2Rs 16,5). Acaz, rei de Judá, pediu socorro à Assíria, o que trouxe devastação para Israel. Facéia foi morto em nova conspiração.

Oséias (cf. 2Rs 17,1-6). Reinou por nove anos e foi o último rei de Israel. “Ele fez o que é mau aos olhos do Senhor, mas não tanto quanto os reis de Israel que o tinham precedido” (2Rs 17,2). Inicialmente submeteu-se à Assíria, mas tentou rebelar-se buscando apoio do Egito. A reação assíria foi fulminante: Samaria caiu após três anos de cerco, e o reino desapareceu da história (cf. 2Rs 17,4-6; 18,9-11). A Bíblia interpretou esse fim como consequência da infidelidade persistente do povo (cf. 2Rs 17,7-23; 18,12).

Prof. Dr. Pe. Marcelo Cervi

ANEXO 1:

MAPA DAS DEPORTAÇÕES - Reino do Norte



Fases das deportações no âmbito das conquistas assírias do Reino do Norte - Israel (cor damasco) sob os reis do Império Neoassírio:

- Teglat-Falasar III (745–726 a.C.);
- seu sucessor Salmanasar V (726–721 a.C.)
- e Sargão II (721–705 a.C.).

O território do Reino do Sul - Judá está em cor verde.

ANEXO 2:

QUADRO VISUAL DOS REIS DE ISRAEL

REI	PERÍODO	CITAÇÃO
Jeroboão	931-910	1Rs 12,25-14,20
Nadab	910-909	1Rs 15,25-31
Baasa	909-885	1Rs 15,32 – 16,7
Elá	885-884	1Rs 16,8-14
Zambri	885 - 7 dias	1Rs 16,15-20
Amri	884-874	1Rs 16, 21-28
Acab	874-853	1Rs 16,29 – 22,40
Ocozias	853-852	1Rs 22,51-53
Jorão	852-841	2Rs 3,1 – 8,15
Jeú	841-813	2Rs 10,1-36
Joacaz	813-797	2Rs 13,1-9
Joás	797-782	2Rs 13,10-24
Jeroboão II	782-753	2Rs 14,23-29
Zacarias	753 -752	2Rs 15,8-12
Selum	752	2Rs 15,13-15
Manaém	752-741	2Rs 15,16-22
Facéias	741-740	2Rs 15,23-26
Facea	740-731	2Rs 15,27-31
Oséias	731-722	2Rs 17,1-41

Obs.: Para os nomes dos reis e sua datação, seguimos a lista oferecida pela “Bíblia Sagrada, tradução oficial da CNBB”, 6ª ed., cf. a tabela que se encontra na introdução aos livros 1-2Sm e 1-2Rs.

BIBLIOGRAFIA:

- Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada. Tradução oficial da CNBB*, 6ª ed. (2024), Brasília, CNBB, 2025.
- Bíblia Sagrada Ave Maria. Edição de Estudos*, 3ª ed., São Paulo, Ave Maria, 2012.
- Bíblia. Palavra viva*, São Paulo, Paulus, 2022.
- A Bíblia*, São Paulo, Paulinas, 2023.
- Bíblia do Peregrino*, São Paulo, Paulus, 2002.
- Bíblia. Tradução ecumênica*, São Paulo, Loyola, 1994.
- Nova Vulgata. Biblorum sacrorum editio*, Editio typica altera, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1998.
- AAVV, *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, São Paulo, Loyola – Paulinas – Paulus – Academia Cristã, 2013.
- AAVV, *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia*. Vol. 5: 1-2 Reyes – 1-2 Crônicas – Esdras – Nehemias. Madrid, Ciudad Nueva, 2015.
- DONNER, H., *História de Israel e dos povos vizinhos*. v.1: Dos primórdios até a formação do Estado. São Leopoldo, Sinodal, 1997.
- GIL, J. – DOMÍNGUEZ, J., *Pórtico da Bíblia. Recursos didáticos para compreender a Bíblia: cronologias, mapas e gráficos de cada livro*, Jerusalém, Saxum, 2024.
- HARRINGTON, W., *Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização*, 7ª ed., São Paulo, Paulus, 2004.
- KONINGS, J., *A Bíblia, sua origem e sua leitura. Introdução ao estudo da Bíblia*, 8ª reimp., Petrópolis, Vozes, 2024.
- LIVERANI, M., *Para Além da Bíblia: História antiga de Israel*, São Paulo, Paulus - Loyola, 2008.
- MEDEIROS, J.M., *Panorama da História da Bíblia*, 8ª ed., São Paulo, Paulus, 2003.
- REINKE, A.D., *Aqueles da Bíblia: história, fé e cultura do povo bíblico de Israel e sua atuação no plano divino*, Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2021.
- SICRE DÍAZ, J.L., *Introdução ao Antigo Testamento*, 4ª ed., Petrópolis, Vozes, 2024.
- VAUX, R., *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, São Paulo, Teológica, 2003.
- VON RAD, G., *Teologia do Antigo Testamento*. Vol.1, 2ª ed., Trad. Francisco Catão, São Paulo, Aste-Targumin, 2006.